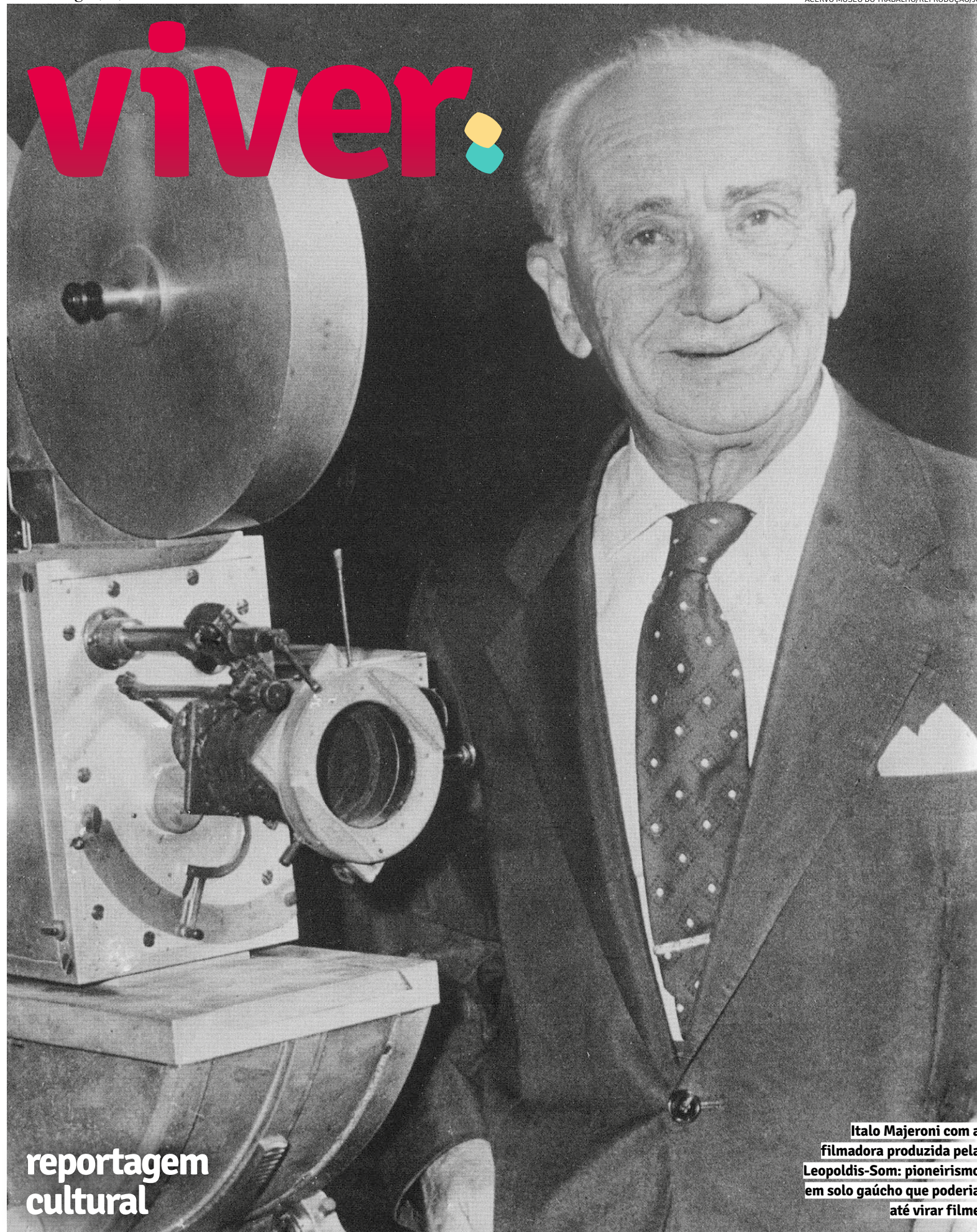


viver.

reportagem
cultural

Italo Majeroni com a
filmadora produzida pela
Leopoldis-Som: pioneirismo
em solo gaúcho que poderia
até virar filme

Leopoldis-Som: 110 anos de um patrimônio audiovisual gaúcho

Daniel Rodrigues

“Era uma vez” é uma forma bastante clichê de se começar a contar uma história. Mas, no caso da Leopoldis-Som, essa epígrafe se adequa muito bem. Afinal, está se falando de uma produtora de filmes fundada há 110 anos cuja história é, com o perdão da expressão, cinematográfica.

Então, recomeça-se assim: era uma vez um artista italiano chamado Italo Majeroni, que, no início do século XX, saiu de sua Itália em turnê pelo Brasil, mudou de nome, apaixonou-se por Porto Alegre e se tornou um dos pioneiros do cinema no Rio Grande do Sul. Se fosse um filme, este resumo poderia ser considerado uma sinopse. Mas, como nos roteiros cinematográficos,

há muito mais reviravoltas para se contar esta história com os devidos início, meio e fim.

O início foi imprevisível como nas mais inventivas tramas aventuras. Nascido em Nápoles, sul da Itália, em 1888, Majeroni cresceu em uma família de artistas e aos 12 anos já estava nos palcos. Seus avós e pais eram atores, e os tios e irmãos, mágicos, ilusionistas

ou hipnotizadores. Integrando a *compagnie* de variedades de seu irmão, Majeroni conhece diversos países da Europa e América do Sul, entre eles, o Brasil.

Numa dessas temporadas brasileiras, e já atendendo pelo pseudônimo Leopoldis, este transformista (habilidade de interpretar múltiplos personagens em cena) se encanta com a magia das no-

víssimas imagens em movimento. Uma arte fascinante e com menos de 20 anos de existência àquela época: o cinema. O primeiro contato foi ainda em Recife, Pernambuco, em 1915, onde monta um pequeno laboratório e produz pelo menos duas edições do cinejornal Pernambuco-Jornal. Mais tarde, o múltiplo artista escolheria Porto Alegre para trabalhar e viver.

“Este homem constitui um dos elos da história do cinema gaúcho”, aponta o jornalista, professor, cineasta e pesquisador Glênio Póvoas. “Leopoldis atravessa muitas décadas e está associado a uma produção cinematográfica que inicia pelo menos em 1915, em Recife, e vai até meados de 1970 em Porto Alegre. São 60 anos de história”, assinala. Nos anos 1920, conforme registrou matéria da Revista O Globo, de 1945, Majeroni “montou um pequeno laboratório nas margens do Rio Guaíba, na Praia de Belas, 1.066, e começou a rodar películas documentárias”. Era o começo de uma era para o cinema gaúcho.

O meio dessa história é preenchido com muito trabalho, sucesso e pioneirismo. Primeiro, como Leopoldis-Film, na fase muda, até 1937; depois, Leopoldis-Som Produtora Cinematográfica Brasileira, quando inicia o período sonoro, até 1961; e, finalmente, Cinegráfica Leopoldis-Som. Entre a década de 1920 até o início dos anos 1980, a empresa produziu centenas de filmes com cenas do Rio Grande do Sul, registros preciosos da vida dos gaúchos, como festas, eventos, atividades empresariais e obras públicas.

Ao todo, a Leopoldis-Som produziu cerca de 380 documentários de curta-metragem, meia dúzia de médias e três longas documentais. Fez ainda cinco longas-metragens de ficção, entre estes, um marco do cinema gaúcho: *Coração de luto*, de 1967, estrelado por Teixeira. Realizou também propaganda política, trailers e muitos comerciais para a TV e salas de cinema. No total – silencioso e sonoro, documentário, cinejornal, ficção, comercial – sua filmografia chega a cerca de mil títulos. O acervo da Leopoldis-Som pertence, desde 1986, ao Museu do Trabalho. Há, porém, materiais ainda não-identificados.

O fim dessa história é tal qual nos filmes de drama, que nem sempre se encerram do jeito que o espectador gostaria. Depois de apostar num novo filão, o de longas de ficção, e já sem a participação de Majeroni, morto em 1974, a Leopoldis-Som decide encerrar as atividades. Entretanto, diante de tantos feitos e da preservação hoje do que é possível deste patrimônio audiovisual, pode-se dizer que essa história tem, sim, um final feliz. Pode subir os letreiros, pois a memória do cinema gaúcho resta sã e salva.

Leia mais na página central